



GLAUCIO MARAFON

O Rural como Paisagem



O Rural como Paisagem

GLAUCIO MARAFON

CURADORIA

Analu Cunha e Marcelo Campos

2 A 20 DE DEZEMBRO DE 2019
DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 6h ÀS 22h

DECULT E EDUERJ | UERJ - CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA
RUA SÃO FRANCISCO XAVIER, 524 - MARACANÃ - RIO DE JANEIRO

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

M298 Marafon, Glaucio José, 1962-.
O rural como paisagem / Glaucio Marafon ; curadoria,
Marcelo Campos e Analu Cunha. - Rio de Janeiro :
UERJ/DECULT, Galeria Itinerante : EdUERJ, 2019.
32 p.

ISBN 978-85-85954-97-0

Catálogo da exposição realizada no período de 2 a 20 de
dezembro de 2019.

1. Fotografia - Rio de Janeiro (RJ) - Exposições. 2. Geografia
Rural. I. Campos, Marcelo. II. Cunha, Analu, 1956-. III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento
Cultural. IV. Título.

CDU 069.9:77(815.3)

GALERIA ITINERANTE

A Galeria Itinerante é o mais novo equipamento cultural da UERJ, formada por um conjunto móvel de cinco estruturas para exposição de imagens em espaços abertos, dentro e fora dos campi da Universidade. Dessa forma, na abertura para as comemorações de seus 70 anos, a UERJ amplia e promove novas possibilidades de difusão de suas iniciativas culturais e artísticas, reconfigurando áreas diversas em espaços expositivos potenciais.

A proposta para exposições itinerantes vai ao encontro do compromisso institucional e acadêmico da universidade pública, sobretudo da mais tradicional universidade do estado do Rio de Janeiro, permitindo a capilarização de suas ações, iniciativas, projetos e produções artísticas diversas. A Galeria Itinerante formaliza artisticamente a busca incansável da UERJ pela disseminação do conhecimento, aliada ao esforço em criar canais e dinâmicas de diálogo com a sociedade por meio do acesso à sua produção cultural, científica e intelectual.

A exposição “O rural como paisagem”, na Galeria Itinerante, promove um lançamento duplo: inaugura o novo equipamento cultural e realiza, pela primeira vez na Universidade, uma exposição artística com imagens fotográficas coletadas nas incursões a campo da pesquisa científica homônima, coordenada por Glaucio Marafon, professor do Instituto de Geografia da UERJ. Dessa forma, pela primeira vez, temos um pesquisador, e não um artista, como autor da iniciativa artística. Assim, a UERJ avança e inova em sua missão institucional e acadêmica - produzir, ampliar e disseminar o conhecimento, pavimentando e reiventando as vias de acesso à ciência, ao conhecimento e à cultura.









Inventando paisagens

O filósofo Walter Benjamin afirmava que as duas grandes construções narrativas se dividiam entre histórias de camponeses e de marinheiros. Os marinheiros voltavam para suas aldeias cheios de aventuras, lembranças dos oceanos, das variadas culturas, de afetos com grupos diversos. Já os camponeses, permaneciam ligados à terra, olhando o céu e decodificando os ventos, as secas, as chuvas, a plantação, o cultivo.

“O rural como paisagem” se direciona a histórias de camponeses. Aqueles que se organizaram em torno de produções em escalas variadas, pequenas ou grandes, de colheitas orgânicas, de pequenas indústrias.

Durante mais de 20 anos, o professor doutor Glaucio Marafon se dedicou a pesquisar a produção agrícola do Rio de Janeiro, incluindo estado e município. Aqui, apresentamos imagens desse trabalho de campo que remonta paisagens.

Sim, a paisagem natural é construída a partir de terrenos mínimos, temperaturas variadas, de quintais e florestas, da produção alimentícia ou decorativa.

Selecionamos, então, 25 imagens fotográficas, onde o cultivo rural reelabora paisagens, inaugurando, assim, no Departamento Cultural da SR-3, uma Galeria Itinerante.

Curadores

Analu Cunha e Marcelo Campos



Galeria 1
Campus Francisco Negrão de Lima
Pavilhão João Lyra Filho - Maracanã



Galeria 2
Campus Francisco Negrão de Lima
Pavilhão João Lyra Filho - Maracanã





Galeria 5
Campus Francisco Negrão de Lima
Pavilhão João Lyra Filho - Maracanã



Produção de Flores em Nova Friburgo



O rural como paisagem no estado do Rio de Janeiro

GLAUCIO JOSÉ MARAFON

Professor Associado IGEOG/UERJ
Pesquisador CNPq/CNE FAPERJ
glauciomarafon@hotmail.com

Na atualidade, o espaço rural tornou-se fortemente marcado pelas relações de técnica e capital, representadas pelos complexos agroindustriais e pelo agronegócio, que correspondem ao espaço de produção agrícola, fruto da revolução verde, da modernização e da industrialização da agricultura. Por outro lado, o espaço rural da produção familiar também é marcado pelas atividades não agrícolas que valorizam o patrimônio natural e histórico. Essas práticas constituem uma produção alternativa ao modelo dominante do agronegócio, cujo objetivo é construir novas bases agroecológicas e sustentáveis que incentivem o fluxo de pessoas oriundas da cidade, sejam turistas ou residentes, em busca de tranquilidade e qualidade de vida.

Configuram-se, então, novas relações entre o campo e a cidade, com novas qualidades e interferências marcantes na paisagem. A presença de uma enorme diversidade de atividades decorre da ação dos pequenos produtores, que contribuem significativamente para a produção de alimentos e que, de forma criativa, traçam suas estratégias de sobrevivência. Há também muitos sujeitos sociais, como os grandes proprietários, os assalariados, os pequenos proprietários, os parceiros, os trabalhadores volantes, os sem-terra e a sua luta pelo acesso à terra. Tais sujeitos materializam no espaço rural, com o seu trabalho, uma ampla diversidade de objetos, elementos e situações que tornam esse espaço bastante complexo. Temos, assim, novas territorialidades, configurando novas ruralidades e urbanidades.

Parte-se da premissa de que o rural não deixa de existir, mas é muito transformado com a presença de urbanida-

dades – manifestações materiais e imateriais com caráter inovador em áreas rurais –, resultando em áreas de maior densidade; e fora dessas áreas, as manifestações seriam pontuais. As urbanidades seriam construídas por uma enorme gama de manifestações – materiais (melhoria da infraestrutura e dos meios de comunicação, novas formas de lazer, segunda residência, turismo, indústrias etc.) e imateriais (valores, moda, segurança, costumes e hábitos difundidos pela mídia).

Por um lado, a produção agrícola, beneficiada pelas linhas de crédito, destinada, principalmente, ao mercado externo e integrada às grandes empresas internacionais, foi se expandindo e ocupando grandes áreas de terra – uma forma imposta de gestão de produção e comercialização de alimentos em escala mundial. Por outro, além da produção moderna e integrada aos mercados globalizados, temos também a presença expressiva da produção de base familiar no meio rural.

A dimensão não agrícola vem aumentando, muitas vezes, associada à noção de patrimônio, com a renaturalização da paisagem. Enfatiza-se a preservação e a proteção da natureza, valoriza-se a busca pela autenticidade dos elementos paisagísticos locais, a conservação e a proteção dos patrimônios históricos e culturais, o resgate da memória e da identidade. E esse rural é uma das dimensões do espaço geográfico, que pode ser apreendido nas suas relações com o urbano por meio das ruralidades, urbanidades e das múltiplas territorialidades. O efeito disso é a mercantilização das paisagens, com a consequen-

te expansão das atividades de turismo e de lazer. Assim, concordamos com Berque (2004) quando aponta para novas possibilidades de análise da paisagem – esta pode ser vista como uma “marca”, pois expressa uma civilização, uma sociedade e uma “matriz”, visto que representa a interação entre o meio físico e a sociedade.

O crescente interesse dos turistas pelas localidades rurais pode ser creditado aos valores estéticos da paisagem, sobretudo no que diz respeito à sua natureza e aos aspectos culturais. Dessa forma, a paisagem e a paisagem rural podem ser compreendidas e analisadas como uma marca e uma matriz. A paisagem é um conceito fundamental na interpretação geográfica; é uma representação das diversas formas que expressam as marcas deixadas pela sociedade no espaço, no decorrer do tempo.

Assim, há de se considerar as características presentes no estado do Rio de Janeiro, em que há uma forte concentração (de população, de serviços, de produção material e imaterial) na Região Metropolitana (RMRJ), que funcionaria como uma Região Concentrada (Santos e Silveira, 2001, p. 140), em âmbito estadual, e uma crescente divisão territorial do trabalho com o interior (superposta a divisões anteriores), particularmente sob a forma de eixos (Davidovich, 2001; Rua, 2011) denominados “eixos de maior densidade de urbanidades”.

No espaço rural, observam-se inúmeras atividades: as agrícolas, com a produção de matérias-primas para indústria, a produção de alimentos, a presença de assentamentos e acampamentos de trabalhadores rurais; e as não agrícolas, como a localização de indústrias, a procura de áreas com a natureza preservada para a construção de residências, de hotéis e pousadas, gerando a necessidade de mão de obra e proporcionando aos produtores rurais residentes a possibilidade de empregos e de aumento da renda familiar. O aumento dessas atividades não agrícolas está associado à implementação, pelo poder público, da infraestrutura de transporte e de comunicação, que permite a circulação dos fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capital.

A maior parte das mudanças refere-se ao espaço rural não incorporado à produção do agronegócio, que, em sua

maioria, corresponde à produção familiar em pequenas propriedades. É nesse espaço não incorporado ao modelo hegemônico que encontramos as paisagens rurais demandadas pelo turismo. Nessas áreas, há a preservação da natureza, podendo ser transformadas em áreas de lazer, com a construção de sítios de veraneio, hotéis e pousadas, que atraem populações das áreas urbanas e proporcionam empregos aos pequenos produtores rurais, facultando-lhes a possibilidade de exercer outras atividades, que não somente as agrícolas.

Em tais espaços, também ocorre o incentivo às práticas agroecológicas e alternativas, em detrimento da forma de produção tradicionalmente empregada nas médias e grandes propriedades. Esses locais correspondem ao espaço rural revalorizado em decorrência da sua paisagem mais preservada, que se torna uma mercadoria a ser consumida pelas populações, sobretudo de origem urbana.

Paisagens rurais fluminenses

Constata-se que, em território fluminense, as transformações no espaço rural e em suas paisagens, como a prática do turismo rural e a disseminação de empregos não agrícolas, encontram-se associadas ao intenso processo de urbanização que pode ser apresentado em forma de cinco eixos:

- **Costa Verde:** eixo que se desloca da RMRJ em direção a Angra dos Reis e Paraty, a Região da Bahia da Ilha Grande, onde se destacam as atividades de turismo que têm provocado imensas transformações, com apelo intenso para o turismo de praia, histórico e ecológico. Esta região concentra grandes reservas de Mata Atlântica, inúmeras ilhas (entre elas, a Ilha Grande) e cidades históricas como Paraty. Grande parte do território integra áreas de proteção ambiental, o que inibe a prática de atividades agrícolas. A intensa ocupação por grandes hotéis de luxo e condomínios fechados tem provocado uma grande especulação imobiliária e expulsado os produtores familiares de suas terras. A eles resta a inserção no mercado de trabalho urbano ou a prática de uma agricultura extrati-

vista, como a exploração da banana e do palmito, assessorada por técnicos governamentais da Emater e do IBAMA, e o exercício de atividades não agrícolas nos hotéis e condomínios. A paisagem rural é fortemente marcada por matas, paraís, e patrimônio histórico, o que está associado às principais práticas turísticas desenvolvidas nessa área.

- **Costa do Sol:** eixo que segue da RMRJ em direção a Cabo Frio, Búzios e Macaé, a Região das Baixadas Litorâneas, e que tem no turismo um forte vetor de crescimento. Observa-se também um intenso crescimento do turismo de massa em direção ao litoral norte do estado do Rio de Janeiro, provocando intensa urbanização e proliferação de segundas residências, o que levou ao fracionamento da terra e à expulsão das atividades agropecuárias, para a criação de loteamentos e condomínios. A presença da Petrobras em Macaé representa, na constatação de Rua (2002, p. 48), “uma avassaladora especulação imobiliária com profundas marcas de segregação socioespacial”. A paisagem predominante é de praias, mas também de salinas e de produção familiar.

- **“Topo da Serra”:** eixo de urbanização cujos principais representantes são os municípios de Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis (Rua, 2002). Essa área é marcada pela produção de hortigranjeiros e flores que abastecem a RMRJ. Apresenta, também, um tradicional e significativo polo industrial (com destaque para a moda íntima), além da presença de inúmeros sítios de veraneio, casas de segunda residência, hotéis-fazenda, pousadas, spas, que associam seus estabelecimentos aos aspectos naturais da região. Corresponde a uma área de turismo alternativa ao turismo de praia das Costas Verde e do Sol. Nessa área, ocorre uma intensa produção agrícola de base familiar, centrada em pequenos estabelecimentos, na mão de obra familiar e na baixa tecnificação da lavoura. Esses produtores, que, na maioria das vezes, ficam à mercê dos atravessadores que controlam o processo de comercialização da produção, cultivam alface, brócolis, couve-flor, tomate,

entre outros, e acabam tendo uma baixa remuneração por suas atividades agrícolas. Na complementação da renda familiar, inserem-se no mercado de trabalho não agrícola, exercendo atividades de jardineiros, caseiros, domésticos ou como trabalhadores em empresas das cidades da região. Essa área também produz orgânicos e hidropônicos para um mercado consumidor restrito à zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Na Região Serrana Fluminense, nota-se a presença marcante de paisagens relacionadas ao turismo rural contemporâneo e em sintonia com a produção familiar. Destacam-se as paisagens associadas à produção agrícola (olericultura, flores, frutas) e à natureza (matas, cachoeiras, etc.).

- O eixo que engloba o território das Regiões do Médio Vale do Paraíba e do Centro Sul Fluminense, além da produção leiteira, contribui com a produção de hortigranjeiros para o abastecimento da RMRJ, mas apresenta como marca, na paisagem, a atividade cafeeira, com presença das grandes casas nas sedes das fazendas, o que levou os municípios da área a organizarem o “Festival do Vale do Café”. Todavia não apresenta interatividade com os produtores familiares, que continuam a buscar sua complementação de renda nas indústrias da região que concentram um grande número de empresas do setor metalmeccânico.

- O eixo que corresponde às Regiões Norte e Noroeste Fluminense, em razão do distanciamento da Área Metropolitana, e a paisagem dessas regiões apresenta fortes características rurais, com a produção de leite, cana-de-açúcar, café e frutas. Esse quadro tem sido alterado com a presença da Petrobras e seus royalties, os quais têm proporcionado empregos também para os agricultores dessas regiões.

Considerações finais

O território fluminense, e seu espaço rural, encontra-se marcado por um intenso processo de urbanização, o que tem provocado profundas transformações socioespaciais. Dentre elas, destacamos as atividades associadas ao turismo rural contemporâneo, com a valorização da sua paisa-



gem rural, e a manutenção – e até mesmo o aumento – da produção familiar, conforme constatou Seabra (2004). O estado do Rio de Janeiro apresenta participação expressiva na comercialização agrícola a partir da CEASA-RJ, das redes de supermercados e distribuidoras, especialmente as hortaliças, cuja produção tem aumentado nos últimos anos, como verificado na Região Serrana Fluminense. A proliferação dessas atividades possibilitou aos produtores familiares a inserção em atividades não agrícolas e, conseqüentemente, o aumento da renda familiar. No entanto esse processo ocorre nas áreas dos eixos de urbanização e próximo à RMRJ. Nas áreas mais distantes, os produtores familiares continuam na dependência da renda agrícola e enfrentando inúmeros problemas para a realização de suas atividades.

Nesse contexto, o espaço rural fluminense se transforma em decorrência da valorização de seus aspectos naturais, das suas paisagens, e a manutenção da produção agrícola familiar se torna importante para a disseminação da imagem do espaço rural e natural, e a força da sua agricultura se encontra na sua diversidade de produção. Essa

diversidade produtiva reforça as diversas paisagens rurais encontradas no estado do Rio de Janeiro.

Referências

- BERQUE, A. “ Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (eds.), *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, pp. 84-91.
- DAVIDOVICH, F. “Metrópole e território: metropolização do espaço no Rio de Janeiro”. *Cadernos Metrópole*, n. 6, Rio de Janeiro, 2.º sem. 2001.
- REIS, José. “Observar a mudança: o papel dos estudos rurais”. Conferência pronunciada no 1.º Congresso de Estudos Rurais, Vila Real-Portugal, 2001.
- RUA, João. “Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro”. In MARAFON, G. J. e RIBEIRO, M. F. (orgs.). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, pp. 43-70.
- _____. “Continuidade ou ruptura na expansão da metrópole para além de seus limites formais: urbanidades no rural?”. In RANDOLPH, R. e SOUTHERN, B. (orgs.). *Expansão metropolitana e transformações das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina*. São Paulo: Max Limonad, 2011, pp. 186-201.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *Brasil: território e sociedade no início do século 21*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEABRA, Rogério. *Comercialização agrícola no estado do Rio de Janeiro: o papel do sistema CEASA-RJ* (monografia de graduação). UERJ, 2004.



Produção de Flores em Nova Friburgo





Produção de Hortigranjeiros na Região Serrana







Produção de Hortigranjeiros na Região Serrana





Produção de Flores em Nova Friburgo







Glaucio Marafon é doutor em Geografia e professor associado do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente também ocupa o cargo de editor executivo da Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ).

A pesquisa “O rural como paisagem no estado do Rio de Janeiro” tem longa trajetória. Desenvolve-se desde 1996 até os dias de hoje, quando, em 2018, passou a receber recursos das agências de fomento à pesquisa CNPq e FAPERJ. Marafon tem diversos livros publicados sobre o tema e dedica-se aos estudos da geografia fluminense. O pesquisador também é responsável pela produção, em coautoria, de uma série de atlas geográficos para municípios do interior do estado do Rio de Janeiro, entre eles, os municípios de Três Rios e Itaboraí.

Reitor
Ruy Garcia Marques

Vice-Reitora
Maria Georgina Muniz Washington

Sub-Reitora de Extensão e Cultura
Elaine Ferreira Tôres

Diretor do Departamento Cultural
Marcelo Campos

Coordenadora de Exposições
Analu Cunha

Pesquisador
Glaucio Marafon

Curadoria
Analu Cunha
Marcelo Campos

Organização e Coordenação
Charbelly Estrella
Rosane Fernandez

Produção e Montagem
Roberto Barboza
Rafael Ferezin

Programação Visual - Exposição
Lucas Bevilaqua (Proatec)
Mariani Galante (Proatec)

Programação Visual - Catálogo
Mariani Galante (Proatec)

Edição e Revisão de Textos
Charbelly Estrella
Elmar Aquino
Rosane Fernandez

Fotografia - Galeria Itinerante
George Magaraia

Fotografia de Campo
**Grupo de pesquisa o rural como
paisagem no Estado do Rio de Janeiro**

Realização
Decult/EdUERJ

Realização



Apoio

Impressão



COEXPA
COORDENADORIA DE EXPOSIÇÕES

decult
SR3

SR3
UERJ


eduerj
25 anos



70
anos
UERJ
1949 | 2020